

APONTAMENTOS ACERCA DO DISCURSO AUTOBIOGRÁFICO NO DIÁRIO DE HERCULINE BARBIN

Sarug Dagir Ribeiro*

Resumo: *Este artigo propõe apresentar uma reflexão em torno do manuscrito de natureza autobiográfica, deixado como espólio, de Abel/Adelaide Herculine Barbin (1838 -1868), indivíduo de condição hermafrodita que se suicidou aos trinta anos de idade, no intuito de apontar nele características suficientes para se pensar em estudos comparados tanto na literatura como na história. Seguiremos a trilha do texto de Barbin considerando-o como um documento autobiográfico no qual se configuram e se preservam representações literárias e testemunhais de uma época e de uma condição humana que beira o extraordinário. O empreendimento aqui será no esforço de estabelecer características do manuscrito de Barbin suficientes para se pensar uma ficcionalização de si.*

Palavras-chaves: *Autobiografia; Herculine Barbin; hermafroditos.*

É no esteio da produção inacabada da coletânea *História da Sexualidade* que encontramos o interesse de Michel Foucault pelo “Diário” de Adelaide / Abel Herculine Barbin, e, em torno do tema do hermafrodito¹. Esse é um texto que testemunha a “vida dupla” de um hermafrodito que viveu no século XIX, de 1838 a 1868, e suicidou-se devido a sua dubla existência. Herculine Barbin fora criado durante vinte anos entre moças, chegando à qualidade de professora primária, e aos vinte e um anos de idade fora-lhe designada sua verdadeira identidade sexual (pertencente ao sexo masculino) e mudado seu nome (de Adelaide para Abel) mediante processo judiciário. Nesta nova condição, sucumbiu no abandono e desprezo da sociedade de sua época. Era de interesse de Foucault dedicar um volume da série sobre a sexualidade a esse tema. Portanto, esta comunicação será uma breve demonstração de meu estudo sobre esse relato, de característica completamente autobiográfica como o autor / a autora mesmo diz: “escrevo apenas a história de minha vida” (BARBIN, 1982, p.40), com o propósito de demonstrar que o texto de Herculine Barbin é um texto autobiográfico e, portanto, um texto literário. Para só então indagarmos se a literatura que ela produz é um diário, uma literatura de testemunho, ou mesmo uma autobiografia, como sugerimos.

* Mestre em Letras / UFMG.

O manuscrito de Herculine Barbin parte do questionamento e da sua relação e compromisso com a realidade. Portanto, a tensão entre a ficção e os fatos reais permanece constante em todo do seu texto. Mesmo que isso signifique apenas uma análise parcial, pois não temos acesso ao texto integral, já que o relato dos últimos anos foi destruído pelo médico que as recolheu na ocasião das acareações em torno do cadáver de Herculine Barbin, encontrado em fevereiro de 1868 num quarto do bairro de Odéon em Paris, totalmente carbonizado. Isso fora objeto de análise por Foucault no dossiê por ele elaborado e publicado juntamente com o que sobrou dessas memórias.

È frutífero indagarmos pelo sentido da palavra testemunho que vem do latim *testis*, que significa o depoimento de um terceiro em um processo, e, também de *supertes*, que indica a pessoa que atravessou uma provação, o sobrevivente. Em grego a palavra *martyros* significa testemunha. Então, é curioso como Herculine Barbin narra, como se estivesse passando por uma aprovação, e essa é em torno do seu “sexo verdadeiro”, que o põe ora do lado feminino, ora do lado masculino. Portanto, o texto autobiográfico de Herculine Barbin funciona como uma espécie de testemunho de sua condição sexual. Vejamos suas palavras: “Sofri muito, e sofri só! Abandonado por todos! Não havia lugar para mim nesse mundo que me evitava e considerava maldito” (BARBIN, 1982, p.13).

Outro aspecto relevante de ser pontuado é a respeito do limite entre a ficção e a “realidade”, que não pode ser claramente delimitado. A relação entre a literatura e a realidade é bastante complexa. Se, por um lado, o testemunho de Herculine Barbin resgata o que existiu de mais terrível na história de sua vida, por outro, ele busca fazer-se personagem de si mesma. Vejamos: “... escrevo apenas a história de minha vida, isto é, uma série de aventuras...” (BARBIN, 1982, p.40). Por isso, optaremos nesse artigo pela classificação que põe o memorialismo como um gênero de literatura que abrange a biografia, o ensaio, o diário, a autobiografia, e até mesmo a crítica literária.ⁱⁱ Por conseguinte, as memórias de Herculine Barbin despertam uma modalidade de recepção nos seus leitores que mobiliza a “empatia” na mesma medida em que desarma a incredulidade; sua necessidade de testemunhar, de tentar dar forma aos sofrimentos que conheceu comove o leitor. Contudo, não é um registro puramente memorialista; há fortes elementos de ficcionalização como nos romances, contos e fábulas.

Trata-se oportuno clarificar o conceito de autobiografia, vejamos: “Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, quando coloca a tônica na sua vida individual, em particular na história da sua própria personalidade” (LEJEUNE, 1975, p.14). As características desse tipo de texto são: 1- a relação de identidade entre autor, narrador e personagem. Narrador autodiegético; 2- a estrutura do tempo é de uma articulação retrospectiva, a narrativa é apresentada sob a forma de memórias (BUTOR, 1969, p.77); 3- o narrador tende a manifestar seu narcisismo, que emerge no seu relato, com atitudes ideológico-afetivas ligadas a história de sua vida; 4- a autobiografia é um gênero narrativo afim de outros gêneros de índole confessional como no diário. Já este último é muito marcado do ponto de vista temporal, isto significa que é um registro quotidiano de eventos e vivências, uma narração intercalada, enunciação intermitente; fragmentação diegética imposta pelo ritmo quotidiano dos atos e fatos narrados.

Do nosso ponto de vista, o texto de Herculine Barbin propicia questionar os difíceis limites entre o discurso memorialista e o discurso ficcional, entre o discurso ficcional e o discurso autobiográfico, além da complexa e sofrida condição da pessoa hermafrodita em sua época. Salientamos que seu texto consiste num testemunho lúcido de sua condição hermafrodita, um testemunho ético de um hermafrodito frente a uma realidade “inconcebível”. Vejamos: “Mas o que experimentei nenhuma palavra humana poderia exprimir” (BARBIN, 1982, p.32). Herculine Barbin inventa um modo todo seu de se fazer ser lida, de ler e de escrever a sua história própria, na qual as memórias têm esse caráter luminoso de resgate criador de uma experiência em meio às trevas, transformado o vivido. Utiliza os recursos estratégicos e estilísticos dos quais domina como menção aos textos clássicos da antiguidade, como, por exemplo *As Metamorfoses* de Ovídio, indo além do registro imediato dos fatos concretos, compondo um espaço de configuração literária mais amplo e complexo. Seu trato com a linguagem é fruto de sua formação, como ela bem coloca, vejamos:

Na leitura encontrava um alimento para aquela necessidade de conhecer que invadia todas as minhas aptidões. Essa ocupação que me era tão querida tinha também o poder de me distrair das tristezas confusas que então me dominavam por completo. Quantas vezes pedi para ser dispensada de passeios a fim de, com o livro nas mãos, passear sozinhaⁱⁱⁱ pelas magníficas alamedas do nosso jardim! [...] Mais de uma vez me surpreendi

lendo em horas avançadas da noite. Era o meu divertimento, o meu lazer. Com isso, devo dizer, adquiri uma série de ensinamentos úteis. (BARBIN, 1982, p.18 e 26)

Seu texto atinge uma validade literária rara vezes atingida ou empreendida por seus congêneres. E quanto a ser escritora declara: “Se pudesse escrever um romance, seria mais dramático e comovente do que A. Duras ou um Paul Féval! Mas não posso me comparar aos gênios do drama” (BARBIN, 1982, p.40).

Northrop Frye na sua análise *Anatomia da crítica* contribui para nosso estudo na medida em que o texto de Herculine Barbin apresenta a mesma estrutura trágica sugerida por Frye. Vejamos: “Sei que as pessoas que me cercam me consideram muito estranho” (BARBIN, 1982, p.97). Isso faz parte da unidade da estrutura trágica de Frye na medida em que o caráter moral da motivação de escrever também caracteriza a tragédia. Herculine Babin diz: “O único objetivo de meu relato foi o de delatar uma questão de moralidade pública” (BARBIN, 1982, p.32). Outro aspecto é o tom heróico que dá a sua narração: “... sou capaz de julgar os homens e as coisas...” (BARBIN, 1982, p.21). É a mistura de heroísmo que dá a tragédia seu esplendor e animação característicos. O herói trágico teve normalmente um destino extraordinário no texto de Herculine Barbin, vejamos:

Minha natureza angelical, paira por sobre todas as vossas inomináveis misérias [...] A vós a terra, a mim o espaço sem limites. [...] Oh, quem poderia julgar os impulsos de pura embriaguez de uma alma que nada tem de terrestre e humano?! [...] Sim, lastimo por vós por que não sofrestes. Para sofrer é preciso ter um coração nobre, grande, e uma alma generosa. (BARBIN, 1982, p.93 e 94)

A *hybris* na tragédia é o agente precipitador da catástrofe, e, a queda do herói é por causa dessa *hybris*, e vemos dessa maneira Herculine Barbin cair na ruína. Seu texto combina os arquétipos clássicos da tragédia, romaneando sua narração contando a nós, seus leitores, suas histórias de amor:

1- Lea:

Eu a amei a primeira vista, e embora fisicamente ela não fosse deslumbrante, a graça e a simplicidade que todo o seu corpo vestia, tornavam-na irresistivelmente atraente [...] Eu a envolvia num culto ideal e apaixonado ao mesmo tempo. Eu era sua escrava, seu cão fiel e agradecido.

Eu a amava com aquele ardor que eu colocava em todas as coisas. [...] eu dizia: “Lea, eu te amo!””. [...] E assim se foi o primeiro amor da minha vida! (BARBIN, 1982, p.18,19 e 23)

2- Senhora Clotilde de R...

Assistia pela manhã a seu despertar, sempre matinal, tanto no verão quanto no inverno. Ajudava-a a vestir-se em seguida, e enquanto isso acontecia, nós discorriamos, cada uma mais do que a outra, sobre todos os assuntos possíveis. Quando o silêncio se impunha, eu a observava ingenuamente. Nada se comparava à brancura de sua pele. Era impossível admirar a graciosidade de suas formas sem que se ficasse deslumbrado. E isso era exatamente o que me acontecia. Muitas vezes não consegui deixar de dirigir-lhe um elogio... (BARBIN, 1982, p.24-5)

3- Thécla:

Tornei-me logo a amiga íntima de uma encantadora moça, chamada Thécla [...] No verão estudava-se no jardim, e lá estávamos nós, uma ao lado da outra, lendo com as mãos entrelaçadas. Vez em quando me inclinava em direção a ela para beijá-la, ... Beijava-a ora no rosto ora nos lábios, e isso se dava no mínimo vinte vezes a cada uma hora. (BARBIN, 1982, p.33-4)

4- Sara:

... eu e Sara nos amávamos como duas irmãs. [...] Eu a amava, eu a adorava! [...] Acalentamos o doce sonho de pertencermos uma à outra para sempre, diante do céu, isto é, pelo casamento. [...] Aquela doce menina que se tornara minha companheira e irmã, eu transformei em amante^{iv}!!! [...] Diante de mim, que era a amiga íntima^v de Sara, ninguém se sentia à vontade; naturalmente eu conhecia todos aqueles pequenos detalhes secretos trocados por pessoas do mesmo sexo!!! (BARBIN, 1982, p.46, 51, 54, 56, e 72)

Vemos, assim, Herculine nos narrar suas aventuras amorosas para com moças, ou seja, pessoas de seu mesmo sexo. Na condição ambígua em que se encontrava, pode nos crer que ela era ele e, portanto, era do amor de um homem para com mulheres que seu depoimento nos revela. Isso é tanto, que ela indigna-se com a idéia contrária a esse desejo. Vejamos:

As emoções da minha vida não são do tipo que se pode contar aos sete ventos. Há situações que poucas pessoas podem apreciar, e que certamente algumas mais grosseiras de nossa época usariam para dar uma interpretação tola dos fatos, interpretação que quase sempre é perigosa para mim, como eu mesmo tive oportunidade de constatar. Posso citar um

exemplo: Eu estava na estrada de ferro de... Um subchefe do escritório conversava comigo sobre a originalidade do meu passado. Ele acreditava de boa-fé que eu, tendo sido desejada por um jovem rapaz, me havia rendido a seus desejos, e com isso descoberto o meu verdadeiro sexo. Vê-se, portanto, até onde pode se estender a capacidade de me julgar, e que sérias conseqüências ela pode ter para mim, e para a minha tranqüilidade. (BARBIN, 1982, p.99-100)

Outra característica da autobiografia de Herculine é o caráter de confissão, vejamos: “Onde encontrar forças para dizer ao mundo que eu usurpara um lugar e um título interditados pelas Leis Divinas e humanas?” (BARBIN, 1982, p.54). Arte, vida e história estão conjugadas em seu relato, desempenha o papel efetivo de agente de transformação social ao denunciar e repugnar moralmente os atos sociais que ocorriam no exercício do Magistério e nas instituições a esse ligadas. Então, denuncia:

Certamente, todos sabem hoje da dependência vergonhosa em que são colocados os professores e professoras de internato. Além de serem alvo da calúnia e da maledicência de uma população que devem regenerar, têm também que se submeter à influência fatal e despótica de um padre orgulhoso de seu poder, que se não consegue fazer deles seus escravos os esmaga, sob o peso do ódio que espalhará em seus caminhos. O que eu vi permitirá citar a esse respeito vários exemplos. O momento, entretanto, não chegou ainda. Mas coro o risco inevitável com tais afirmações: o de ocasionar risos de incredulidade contra mim. Seja como for, creio estar cumprindo um dever, e afirmo que, à parte honrosas exceções, os funcionários que ousam atacar aqui são mais numerosos do que se imagina. Depois do padre, o mais terrível inimigo da educação é o inspetor primário. [...] Eu vi com meus próprios olhos cenas verdadeiramente inacreditáveis, de baixaza indigna, de abuso de poder, cenas por demais revoltantes para que eu possa contar aqui. (BARBIN, 1982, p.29-30)

Sua marca: testemunho individual. “Que destino o meu! Oh Deus! Que julgamento farão de mim os que conhecerem a trajetória da minha vida, essa que nenhum outro ser vivo antes de mim, percorreu?” (BARBIN, 1982, p.40). O eu retrospectivo da enunciação é uma marca do seu texto, diferenciando-o, portanto, do gênero diário, que tem a marcação do tempo precisa, diária. Observemos a marcação do tempo: “Eu tinha então sete anos ...” (BARBIN, 1982, p.14). “... pois eu não tinha ainda doze anos de idade quando a conheci, ...” (BARBIN, 1982, p.19). “Os anos se passaram. Eu ia fazer dezessete anos.” (Barbin, 1982:26). “Eu tinha dezenove...” (BARBIN, 1982, p.42). A única vez que Herculine Barbin refere-se a uma data precisa é: “No dia 20 de

agosto houve ...” (BARBIN, 1982, p.59). Dessa maneira, não justifica classificar seu relato como diário, ela mesmo intitula seu texto como: *Mes souvenirs*. E escreve: “Passo rapidamente por minhas recordações de infância, pois nenhum incidente veio entristecê-las” (BARBIN, 1982, p.15). Dessa maneira, seu texto será melhor classificado como sendo um memorialismo autobiográfico de caráter testemunhal.

A autobiografia tende a assimilar técnicas e procedimentos estilísticos próprios da ficção, e, Elizabeth Bruss em *Autobiographical acts. The changing situation of a literary genre (1979)* considera a autobiografia como um ato literário. O narrador é o próprio objeto da narração. Relações entre aquele que escreve, seu próprio passado e a maneira de dar-se a conhecer ao outro no risco permanente do deslizamento da autobiografia para o campo ficcional. O autor é objeto de sua própria narração. Autor, narrador e personagem (principal) são o mesmo. O tema é a sua existência pretérita.

A autobiografia apropriou-se, ao longo do seu desenvolvimento, de diversos procedimentos formais de outros tipos de discurso. Segundo o *Dicionário de Narratologia (1996)* de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, a autobiografia se define por: a- autor, narrador e personagem são o mesmo. b- as informações e os eventos narrados são verdadeiros, sendo passíveis de verificação pública. c- os processos narrativos que emprega são motivo de interesse para o leitor. O ato então de escrever sobre si mesmo, onde pela narração constrói sua imagem, podemos colocar em dúvida de seu ato escriturístico é ou não é uma manifestação do seu narcisismo. Visto que:

Justamente na idade em que se desenvolvem todas as graças femininas, meu andar e minhas formas não eram harmoniosas. Minha pele, doentiamente pálida, denotava um estado de sofrimento habitual. Meus traços visivelmente duros não passavam despercebidos. [...] meu corpo era literalmente coberto de pêlos, o que me obrigava, mesmo durante o verão, a manter os braços escondidos. Quanto ao meu talhe, era ridicularmente magro. Tudo em mim chamava a atenção, e eu me apercebia disso todos os dias. [...] Os corpos seminus, estendidos lado a lado sobre colchonetes improvisados eram tão belos que poderiam atrair a imaginação de um pintor. Não falo de mim (é óbvio). (BARBIN, 1982, p.33 e 40)

Essa questão é muito complexa e não cabe no bojo desta discussão nos prolongarmos nesse ponto de investigação.

O manuscrito de Herculine Barbin se diferencia do modelo diarista, diário, por esse último datar com precisão os diversos momentos da vida narrada, pois a

característica fundamental é o de respeitar o calendário e submeter-se a ele. O diário é um texto enraizado no cotidiano. Por sua vez, o que é mais difícil de ser atingido pela autobiografia, em razão do caráter seletivo da memória, que modifica, filtra e hierarquiza a lembrança, é a menor possibilidade maior de exatidão, de precisão e fidelidade à experiência real, justamente pela menor separação temporal entre o evento e o seu registro. Por outro lado, o ponto vantajoso da autobiografia reside, contudo, no fato de o retrocesso permitir que o caos e o contingente da experiência responsável pela fragmentação que acontece no diário, possam ser domados pela reflexão que reordena o passado e busca dar-lhe um sentido.

A autobiografia de Herculine Barbin é um auto-retrato que está profundamente ligado à proximidade da morte, como se fosse uma fotografia final antes da hora de morrer, um anúncio. Uma escrita lapidar que resume a essência de sua vida, numa operação confessional efetuada num momento em que o indivíduo sente-se já muito próximo da morte. Nas memórias a narratividade da vida do autor é contaminada pela dos acontecimentos testemunhados que passam a ser privilegiados; a narrativa do que foi visto e escutado, feito e dito. A autobiografia é o relato do que o indivíduo foi. As memórias de Herculine Barbin dentre muitas coisas nos leva a compreensão do sentido trágico do exílio, como aquele lugar suspenso entre uma origem (identidade) que se apagou na areia, e um fim que se deixa entrever já no início de seu relato: a morte. Ele diz: “Essa luta incessante da natureza contra a razão me consome cada vez mais e me arrasta a largos passos para o túmulo” (BARBIN, 1982, p.96). Uma morte bastante próxima desde a mais tenra idade: “Não havia um só ser humano que compartilhasse dessa imensa dor que se apoderou de mim no final da infância, idade em que tudo é belo porque toda perspectiva é nova e brilhante” (BARBIN, 1982, p.13). Visto que na história bíblica do nascimento de Jesus Cristo, esse último nasceu no exílio, pois seus pais, José e Maria, fugiram quando Heródoto ordenou matar todos os recém-nascidos. Portanto, a expressão “Deus nasceu no exílio!”, é sábia. É o nome de um romance conhecido, que coincidentemente conta sobre a vida e sobre a morte de um famoso escritor latino, que Herculine Barbin muito bem conhecia, pois:

Confesso que fiquei particularmente transtornada^{vi} com a leitura das metamorfoses de Ovídio. Quem as conhece pode ter uma idéia do que significam. Esse achado tinha para mim uma singularidade que a

continuação de minha história provará. [...] O verdadeiro por mais exorbitante que seja não ultrapassa às vezes todas as concepções do ideal? As metamorfoses de Ovídio não estariam próximas disso? (BARBIN, 1982, p.26 e 83)

O texto mesmo que carregado de afetividade, possui certo controle estético, mesmo dizendo: “Para descrever o magnífico espetáculo que se oferecia aos nossos olhos seria necessário uma pena mais sábia do que a minha” (BARBIN, 1982, p.42). E, na certeza de ser lida na posteridade diz: “Pois, bem submeto-me aqui ao julgamento da posteridade que me lerá...” (BARBIN, 1982, p.56). O modo como existência, memória, tempo e narrativa se relacionam no texto de Herculine é peculiar. As memórias escritas em vida têm sempre como limite temporal o momento em que são produzidas. O tempo e as vivências que se desenrolam após o gesto narrativo inevitavelmente escapam ao olhar memorialista, no qual podemos observar passagens aparentemente contraditórias, como: “as emoções que me torturam não são do tipo que aumentam as forças” (BARBIN, 1982, p.43). E em outra passagem: “Diante do perigo, entretanto, sinto-me forte. A infelicidade me enche de coragem” (BARBIN, 1982, p.74).

Finalmente, concluímos que o texto de Herculine Barbin é uma fonte riquíssima em estudos comparados tanto para a literatura como para a história. É um texto marcado por um forte apelo emocional e estético.

HIGHLIGHTS IN THE AUTOBIOGRAPHICAL SPEECH IN THE DIARY OF HERCULINE BARBIN

Abstract: *I have proposed to present the partial results of my research into the study of the diary, made up by Abel / Adelaide Herculine Barbin`s memories (1838-1868), published by Michel Foucault in 1978 by Gallimard publishers. It`s about the personal report of Herculine Barbin on her own life experience as a hermafrodite. In this I focus on the writing style of the piece which escapes the common characteristics of the gender Diary as it is a text which doesn`t exclude the receiver and it opens itself in a constant dialogue with the reader rather than close in a monologue with no listener. Thus, based in the peculiarities of Herculine Barbin`s text I intend to contribute to the discussions of new approaches to the autobiography.*

Keywords: *Autobiography; Herculine Barbin; hermaphrodite.*

Referências Bibliográficas:

- ALBERTI, Verena. **Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, v.4, n. 7, p.66-81, 1991.
- ANDRÓGINO, HERMAFRODITO. *In*: BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1993. v.1, p. 64-68, 544-548.
- ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. (Org.). **Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ARIÉS, Philippe. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989, v.1, p.313; v. 2, p.326-670.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: DIFEL, 1982.
- _____. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- _____. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. **Novos ensaios críticos e o grau zero da escritura**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- BETTELHEIM, Bruno. O conto de Fadas versus o mito: otimismo versus pessimismo. **A psicanálise dos contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1980, p.45-52.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BOOTH, Wayne C. **The rhetoric of fiction**. Chicago: University of Chicago Press, 1983.
- BRANDÃO, Junito de Souza. Hermafrodito. *In*: _____. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 2000, v.2, p. 204-7.
- _____. Andrógino. *In*: _____. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 2000, v. 2, p.75-7.
- _____. Andrógino. *In*: _____. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1987, v.3, p.33-41.
- CANDIDO, Antônio. Poesia e ficção na autobiografia. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987, p.51-69.
- CARVALHO, Ana Cecília. **Escrita com fim, escrita sem fim: a poética do suicídio em Sylvia Plath**. 1998. 401 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

- COLAPINTO, John. **Sexo trocado, a história real do menino criado como menina**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- ERIBON, Didier. Precisamos de um Verdadeiro Sexo? (Foucault, o hermafroditismo e a identidade). *In*: _____. **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, p.156-168.
- FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin dite Alexina B**. Présenté par Michel Foucault. Paris: Gallimard, 1978.
- _____. **Herculine Barbin: O Diário de um Hermafrodita**. Prefácio Michel Foucault; Novela Oscar Panizza. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- _____. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- _____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- LEJEUNE, Phillipe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Editions du Senil, 1975.
- MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- MAUSS, Marcel. Efeito físico no indivíduo da idéia de morte sugerida pela coletividade. *In*: _____. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974, v. 2, p.188-208.
- MONTAIGNE, Michel de. XXXI – A propósito de uma criança monstruosa. *In*: _____. **Ensaio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, v. 2, p.387-8.
- OVÍDIO. Salmácida, Hermafrodita. *In*: _____. **As metamorfoses**. Tradução de David Gomes Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983, p.74-7.
- PLATÃO. **O Banquete ou Do amor**. Tradução, Introdução e notas de J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- TEOFRASTO. **Os caracteres**. Texto estabelecido por Daisi Malhadas e Haiganuch Sarian. São Paulo: E.P.U., 1978, p.89-96.

Notas

ⁱ Prefiro utilizar neste trabalho científico a palavra *hemafroditos* (transliterado diretamente do grego), pois assim mantém o sentido originário que essa apresenta. Portanto, substantivo do gênero masculino.

ⁱⁱ Ver: SOUTO, José Correia do. *Dicionário de Literatura Portuguesa*.

ⁱⁱⁱ Grifos de Herculine Barbin.

^{iv} Grifos do tradutor.

^v Grifos do tradutor.

^{vi} Grifos do tradutor.